

O populismo prepara a rebelião da dívida

ext.

Uma "rebelião da dívida" pode estar nascendo com a preferência latino-americana por candidatos populistas no Brasil, Argentina, Venezuela e México, segundo um artigo publicado no jornal **The New York Times** de ontem.

"Os populistas repudiam a política atual de dar bilhões aos banqueiros, a cada ano, enquanto os latinos afundam mais ainda na crise econômica, adotada por seus governos e apoiada pelos Estados Unidos", diz Marlene Nadle, pesquisadora do **Council on Hemispheric Affairs**, uma organização pública de Washington.

Nadle, também jornalista, aponta em seu artigo quais são os populistas latino-americanos que sustentam sua tese:

— Cuauhtemoc Cárdenas, que chegou num forte segundo lugar nas eleições presidenciais do México, em julho, que até hoje são contestadas.

— Carlos Andrés Perez, o favorito das eleições presidenciais da Venezuela, em 4 de dezembro.

— Carlos Menem, que é o mais cotado sucessor do presidente argentino Raul Alfonsín, nas eleições de maio.

— Leonel Brizola, o "candidato-líder" para as eleições de novembro de 1989, "a menos que os militares intervenham".

Para Marlene Nadle, das duas uma: ou as vitórias populistas produzem maiores confrontos com

o governo americano, ou levam os Estados Unidos a desenvolverem uma política para a dívida mais racional.

Os populistas latino-americanos são apresentados como "tradicionalis políticos" que querem satisfazer as necessidades de seus eleitores. "Estão prontos a tomar uma desesperada decisão de parar de pagar toda ou parte da dívida externa de seus países. Acham que, realmente, não têm outra escolha."

Um rebelde da dívida, modelo para outros, seria o presidente Alan Garcia Perez, do Peru, que limitou os pagamentos da dívida externa a 10% dos lucros obtidos por seu país com a exportação.

O venezuelano Carlos Andrés Perez admitiu que poderá tomar o caminho peruano, se não conseguir uma forma de alívio para sua dívida de US\$ 35 bilhões. O argentino Menem, peronista, propõe uma moratória de 5 anos no pagamento dos juros da dívida de US\$ 57 bilhões, que comeram 56% dos lucros das exportações de 1987.

"Os brasileiros estão se voltando para o ex-governador Leonel Brizola, insatisfeitos com a fraca liderança do presidente José Sarney e por temor de que o País e sua economia estejam fora de controle, e a democracia, ameaçada", escreve a pesquisadora do **Council on Hemispheric Affairs**, Marlene

Nadle. A situação econômica do Brasil é descrita como "tão ruim quanto a argentina, com uma taxa de inflação anual de mais de 700% até outubro".

Brizola estaria desenvolvendo um plano que reestruturaria a dívida de US\$ 121 bilhões, que absorveu 35% do saldo das exportações brasileiras de 1987. Uma opção seria pagar a dívida em cruzados, com a obrigação de que o dinheiro seja reinvestido no Brasil.

Marlene Nadle recomenda que Washington não reaja punidivamente à eventual rebelião da dívida. Para ela, uma solução estaria num projeto que tramitou pelo Congresso americano, pelo qual as dívidas latino-americanas passariam a ter o valor em que são transadas no mercado secundário, com descontos de até 50%, e os pagamentos seriam feitos a uma instituição internacional, e não mais diretamente aos bancos.

Jeffrey Sachs, um economista de Harvard, é citado no artigo do **Times** estimando que seriam usados somente 6% do orçamento de US\$ 16 bilhões para ajuda exterior norte-americana, "mesmo que países devedores deixem de pagar suas contas reduzidas".

Este é "um preço pequeno", concorda Marlene Nadle, se os Estados Unidos não perderem os seus maiores parceiros comerciais e aliados políticos da América Latina.